

**BIONEWS 059 – MICROFAUNA CARISMÁTICA COM ALTO
ÍNDICE DE FOFULÊNCIA****LEGENDAS**

(/) : Representa uma mudança durante a fala;

(...) : Representa uma pausa na fala;

(“ ”) : Destaca títulos de obras literárias, textos científicos e termos em outro idioma;

(: “ ”) : Introduce um pensamento ou fala de pessoas que são mencionadas no podcast;

(*) : Destaca falas sobrepostas.

([]) : Destaca efeitos sonoros.

Cafeína	Você está ouvindo Biologia in Situ podcast. Porque todas as estradas levam à biologia!
[trecho de “Miss universal”, música de Doralyce]	
Ricardo Gomes	Muito bem, muito bem, começando mais um Biologia in Situ! ERaissa, tudo bem? Como você está?
Raissa Bella	Oi, Ricardo! Tudo bem, e com você?

Ricardo Gomes	Tudo ótimo, tudo bem. A gente vai começando aqui este episódio, e hoje estamos só nós dois desta vez, não temos tanta gente. Mas acho que dará certo mesmo assim. O que você acha?
Raissa Bella	[vamos] torcer para que sim!
Ricardo Gomes	[risos] Vamos nos esforçar! / O assunto de hoje é fofofauna, e o que seria a fofofauna [risos]? Nós estamos com um termo mais popular... não sei se é popular, mas quando falamos de fofofauna, estamos nos referindo aos animais da macrofauna carismática com alto índice de fofulência! Ou seja, aqueles animais [risos] como o leão, golfinho. Esses que são grandes, a maioria [é] mamífero e que tem muito apelo visual, de público. Não à toa muitos são até estrelas de zoológicos, por exemplo.
Raissa Bella	São aqueles animais que ativam o seu lado Felícia de ser, não é?
Ricardo Gomes	[risos] Exatamente! Mas estas são coisas que nós julgamos como bonitas de acordo com os nossos padrões de aparência e de beleza...
Raissa Bella	E os padrões de beleza mudam bastante até entre nós mesmos, porque, por exemplo, antigamente, na época em que não havia tantas fotos e sim mais quadros, como havia escassez de comida, as pessoas não tinham tanto acesso, os padrões de beleza eram as pessoas, principalmente as mulheres, mais rechonchudas. Depois que as pessoas começaram a ter acesso a uma quantidade maior de comida, o padrão de beleza começou a ser o de pessoas magras, porque a questão era você ter muito acesso à comida e ser magro. Então o padrão de beleza sempre foi algo que variou bastante de um período para o outro. Agora estamos entrando num período de aceitação, mas mesmo assim ainda temos [limitações]... parece que está cada vez mais inalcançável porque o padrão de beleza seria o mais definido, ou melhor, o corpo de academia, ou então aquele corpo "photoshopado" ao qual você nunca terá acesso de fato. E esse padrão estará sempre mudando, e quem os determina é o homem. Ou seja, não se trata de algo espontâneo ou natural das espécies. E o problema mais sério é que a beleza que tantos desejam, ou melhor, que fomos induzidos a desejar, está fora da sua realidade. É algo que pode

	desencadear consequências negativas e perigosas, como problemas de saúde para nós, ou acabarmos desprezando alguns animais por eles não se encaixarem nesses padrões.
Ricardo Gomes	Há um histórico de várias doenças crônicas ligadas ao fato de tentar alcançar um padrão de beleza, inclusive [há] intervenções em animais para que eles tenham uma beleza que nós aceitemos, e não eles próprios. Os pets sofrem muito com isso * Raissa Bella: Sim. * Ricardo Gomes: E nós temos conseguido levar esta visão fantasiosa e deturpada para o reino animal também, impondo uma falsa imagem, distribuindo amor e carinho para uns, e aversão e desprezo por outros. Quer saber como, bio-ouvinte? Acompanhe-nos, pois falaremos disso hoje.
[voz da apresentadora Eliana]	
Raissa Bella	Bom, bio-ouvinte, você já deve ter assistido, ou lido, ou pelo menos ouvido falar de algumas produções como “Flipper”, “Free Willy”, e “Kung Fu Panda”, entre outros desenhos. Enquanto a última animação é da Dreamworks, os dois primeiros filmes são estrelados por criaturas reais. O que elas têm em comum é que os protagonistas são animais ditos fofinhos e carismáticos, como os golfinhos e também os pandas. Mais do que um simples entretenimento, esses filmes despertam a curiosidade em busca de um maior conhecimento em relação a hábitos e comportamentos e até mesmo à vontade de estar no lugar de Sandy ou Jesse, protagonistas de Flipper e Free Willy, que interagem diretamente com os animais.
Raissa Bella	Em Kung Fu Panda, Po, um preguiçoso Panda Gigante (“Ailuropoda melanoleuca”) deixa o seu trabalho no restaurante de lámen de sua família para se transformar em um lutador de kung fu. Seu sonho torna-se realidade quando ele recebe a missão de cumprir uma antiga profecia e proteger seu povo de um temido leopardo-das-neves. Eu não sei você, Ricardo, mas eu sempre quis fazer aquela posezinha que o Jesse faz para levantar a mãozinha e o Free Willy pular, fazendo aquela molhadeira, aquela imagem super épica e fofinha. Não sei por quê.

Ricardo Gomes	[risos] Eu vi “Free Willy” várias vezes, porque repetição não é uma coisa fraca na televisão brasileira, mas nunca muito [fã] do Free Willy, não. Eu achava legal, mas não queria estar no lugar do garoto, de ter uma baleia pulando em cima da minha cabeça, quase caindo... [risos]
Raissa Bella	Nossa, eu achava aquilo demais! Ele, no desenho salvando... Ai, eu achava muito legal.
Ricardo Gomes	E “Kung Fu Panda” já não foi na minha época, foi mais tarde. Nem peguei essa onda aí.
Ricardo Gomes	Na vida real, os pandas apresentam uma dieta bastante peculiar. Apesar de possuírem um sistema digestivo característico de um carnívoro, que é um estômago simples e um pequeno intestino delgado mais curto, sua dieta é quase exclusivamente de bambu, com baixo teor de proteína e rico em fibras.
Ricardo Gomes	Um estudo avaliou a dieta de seis indivíduos residentes das montanhas Qinling, na China, por 6 anos e constatou que eles se alimentam de duas espécies distintas de bambu “wood bamboo” e “arrow bamboo” * [voz de Silvio Santos: E o bambu?] * Ricardo Gomes: e em diferentes períodos do ano. Durante o período de acasalamento, que é na primavera, os animais se alimentaram de brotos de bambu do tipo wood, rico em nitrogênio e fósforo. Em junho, esse tipo acaba maturando e perdendo esses nutrientes. Por conta disso, os animais migram para regiões mais elevadas para consumir o tipo arrow. E para consumo de cálcio, principalmente, essencial para o período de nascimento dos filhotes, os animais se alimentam das folhas de arrow, ricas desse composto
Raissa Bella	É isso aí. E quanto aos golfinhos? Que os golfinhos são criaturas muito inteligentes, isso não temos dúvidas. E podemos comprovar com as peripécias de Flipper, um Golfinho-Nariz-de-Garrafa “Tursiops truncatus” no longa-metragem clássico de 1963, “O Menino e o Golfinho”. Tamanho sucesso de bilheteria nos cinemas da época, que, no ano seguinte, Ricou Browning e Jack Cowden criaram uma série “spin-off” norte-americana,

	com 88 episódios, transmitida pela rede NBC nos Estados Unidos e, em 1969, que foi o ano em que chegou às emissoras brasileiras.
Ricardo Gomes	Nós estamos rindo dessa parte porque como conseguiram esticar em oitenta e oito episódios um negócio que é um golfinho se batendo no tanque de meio metro... Como aquilo se estendeu para uma série de quase noventa episódios?
Raissa Bella	[risos] A minha teoria, que eu tinha comentado com o Ricardo, é que por ser 1963, ainda não havia nada para passar na TV. Então só [risos] mostravam os animais para ficarem ali, passando na sua TV. * Ricardo Gomes: Era o que tinha, não é? [risos] * Raissa Bella: * Essa é a minha teoria.
Ricardo Gomes	Faz sentido, faz sentido. Mas não são só essas as séries que mostram como golfinhos são inteligentes. Quem conhece “O guia do mochileiro das galáxias”, sabe que eles são a espécie mais inteligente do planeta Terra... Os humanos são a terceira [risos] Porque no dia em que sairmos e ouvirmos falar de golfinhos no espaço, ferrou, porque se eles estão indo embora, então ferrou para nós.
Raissa Bella	Sim [risos] Quem é a primeira? * Ricardo Gomes: a primeira [risos]... São os ratos! Os ratos que conseguem nos enganar, achando que nós estamos fazendo experimentos neles, quando na verdade eles estão fazendo experimentos com humanos. * Raissa Bella: É, eles ficam condicionando, não é? E tanto na série, quanto no filme, Flipper mostra suas incríveis habilidades ao protagonizar brincadeiras com bolas e outros objetos, e ao interagir positivamente com Sandy e Bud. De acordo com a página InfanTV, por conta disso, todos que possuíam uma piscina no quintal de casa queriam ter um golfinho como animal de estimação. E o Miami Seaquarium, empresa produtora da série, se tornou um dos principais exportadores dessa espécie para outros parques aquáticos e zoológicos.
Ricardo Gomes	Olha quanto dano ambiental... Que legal, não é? * Raissa Bella: E foi aí que começou a dar ruim. * Ricardo Gomes: [risos] Mas tem o outro lado também, nem sempre a inteligência e astúcia dos golfinhos são

	aproveitadas para fins educativos, se é que dá para falar isso, como apresentado nessas produções. Em matéria publicada na página UOL, em maio de 2022, Mateus Brum mostrou que a Rússia implementou dois recintos de golfinhos na entrada do Porto de Sebastopol, na Criméia, principal base naval no Mar Negro.
Ricardo Gomes	E aí, bio-ouvinte, não sei se você se atentou para a jogada, mas para aproveitar sua capacidade de ecolocalização, os golfinhos estariam sendo treinados como armas de guerra, para encontrar torpedos e munições em destroços abandonados no fundo marinho, além de plantar explosivos em navios inimigos, estratégia protecionista da Rússia contra a Guerra da Ucrânia.
Raissa Bella	Meu Deus. A que ponto chegamos... * Ricardo Gomes: Ao ponto do que foi feito até com morcegos. Há um episódio d'O Morceirão, podcast da Erika Munhoz, uma bióloga lá de Minas Gerais, no qual ela fala sobre isso, sobre essa tentativa de usarem morcegos como arma também. E ainda de acordo com a matéria do UOL, essa tática foi aplicada desde a década de 50, em disputas entre Estados Unidos e antiga União Soviética, na Guerra Fria (1947-1991). Sabe-se também que, golfinhos foram utilizados para detectar nadadores de combate na Guerra do Vietnã (1955-1975) e para desminagem na Guerra do Golfo (1990-1991).
Raissa Bella	É, nós fizemos o alistamento de golfinhos. “Nós”, vírgula! O Homem. * Ricardo Gomes: [risos] um pôster do Tio Sam dentro do aquário: Eu quero você, Flipper! * Raissa Bella: [risos] Vem, Flipper! * Ricardo Gomes: Toma essa bomba aqui, olha [risos] * Raissa Bella: Toma essa comidinha aqui se você conseguir desminar sem se explodir... Ai, que horror!
Raissa Bella	Mas bom, vamos amenizar um pouquinho o assunto? [risos] E quem aí não se emocionou com a cena de Willy (“Orcinus orca”) saltando o píer sobre a cabeça de Jesse para encontrar a família? * Ricardo Gomes: Ah, sim, sim... * Raissa Bella: Eu me emocionei, como comentei aqui. O clássico dos anos 90 também foi um grande incentivador daqueles que sonhavam em ter contato e até mesmo trabalhar com esses animais incríveis. Mas uma outra cena do filme me levou a trazer essa curiosidade a vocês. Em um dado momento, a orca emite um som característico, como se estivesse chorando. Jesse, então, sobe num farol do parque próximo ao tanque de Willy e descobre que a orca clamava pela sua

	família, do outro lado da enseada. A partir de então, começa a corrida rumo a liberdade de Willy. Mas será que isso foi só algo estipulado para o filme ou pode ser observado na natureza? Comente o que você acha, bio-ouvinte e nos dê um retorno com a sua opinião.
Ricardo Gomes	E coincidentemente, Raissa, faz pouco tempo, acho que umas duas semanas, que saiu episódio do podcast Rock e Consciência especificamente sobre golfinhos. E realmente, essa comunicação acontece por som, mesmo que debaixo d'água, entre golfinhos e baleias também, mas uma coisa que é exclusiva dos golfinhos é a ecolocalização, como os morcegos também têm. É a maneira de se localizar geograficamente no ambiente a partir de sons. Isso é muito legal.
Raissa Bella	A beluga não tem isso? * Ricardo Gomes: Acho que sim, porque a beluga é um golfinho. * Raissa Bella: A beluga é um golfinho?! * Ricardo Gomes: É [risos]. * Raissa Bella: Nossa! * Ricardo Gomes: A cachalote, que é a do romance "Moby Dick", também é um golfinho * Raissa Bella: Ah, eu achei que a beluga era uma baleia... * Ricardo Gomes: Eu não tenho certeza, mas acho que é um golfinho.
Ricardo Gomes	E um trabalho realizado no noroeste do Pacífico mostrou que dois grupos diferentes de orcas, as residentes e as transientes, utilizavam padrões de assobios distintos, sendo que os transientes possuíam características mais sutis comparada aos residentes. No trabalho em questão, o grupo dos residentes utilizava uma estratégia de comunicação a curtas distâncias com assobios privados, ou algo como um dialeto próprio daquele grupo. Provavelmente, esse tipo de assobio estaria associado a coordenar uma determinada interação (como caça, por exemplo). E acho que se a bio-ouvinte ainda não viu, pode procurar na internet facilmente por vídeos de um grupo de orcas caçando foca ou leão-marinho em cima de uma placa de gelo, e as orcas se coordenando para virem de uma mesma direção nadando, formando uma onda para virar a placa de gelo para derrubar a foca ou leão-marinho que estava em cima. Isso é uma estratégia refinadíssima, passível de acontecer apenas com muita comunicação. Dessa forma, elas podem evitar chamar a atenção de predadores ou possíveis competidores pelos recursos, já que essa comunicação é bem específica. Essa característica aparentemente não foi apresentada pelo grupo dos transientes

Ricardo Gomes	Outra característica curiosa foi a presença de assobios miméticos ou “imitações vocais” no grupo dos residentes. Trabalhos anteriores a esse indicaram que essa, e outras espécies de golfinhos, podem copiar outros indivíduos da mesma espécie na natureza ou até mesmo serem capazes de “pronunciar palavras” em indivíduos treinados em cativeiro. E claro, é um “pronunciar palavras” da linguagem própria da espécie, uma emissão de sons dos golfinhos, não o... * Raissa Bella: A língua é o golfinhês. * Ricardo Gomes: É, não é como o papagaio [risos].
Ricardo Gomes	Mas sempre há um “porém”, não é? Nem toda produção retrata esses animais como carismáticos. Um grande contraponto a Willy é o filme de 1977, “Orca, A Baleia Assassina”, o grande responsável por acharmos que a orca é uma baleia e não um golfinho. Na história, um macho de orca acaba testemunhando a morte acidental de sua companheira prenha por um pescador. Inconformado, o animal começa a perseguir o pescador e sua tripulação. A cidade acaba pressionando o pescador a retirar o animal da área, uma vez que a orca furiosa acaba assustando os peixes da região.
Raissa Bella	Esse filme... Foi aí quando fiquei com trauma do Free Willy [risos]. Pensei “Eu acho que não quero mais ele pulando em cima da minha cabeça!”. * Ricardo Gomes: Se você mudava de canal, ou ela estava brincando com o garoto ou matando a cidade, não é? * Raissa Bella: Não, dependia do horário. De manhã era a TV Globinho, ela sendo a melhor amiga do Jesse, e à tarde, para quem pegou esse período da Sessão da Tarde, era a orca matando gente [risos].
Raissa Bella	Deixando de lado o campo da ficção, que tal conversarmos sobre o que acontece na vida real? * Ricardo Gomes: Ah, sim, Moby Dick... * Raissa Bella: [risos] O que parecia ficção se tornou um grande pesadelo real. Tilikum, a orca-macho do SeaWorld, protagonizou três ataques fatais a seus treinadores. O último deles, o mais famoso, ocorreu em 24 de fevereiro de 2010. Em uma espécie de “pocket show”, a orca puxa a treinadora para o fundo do tanque. A história do animal, desde sua captura quando filhote na Islândia até o seu último incidente foi registrada no documentário da CNN, Blackfish, em 2013.
Raissa Bella	No documentário, Tilikum não foi o único animal a demonstrar agressividade e investidas contra os treinadores. Contudo, é preciso estar atento aos fatos. A maioria dos artigos que relata a interação

agressiva entre golfinhos e humanos, apontam como uma das principais causas, o estresse por conta das condições em cativeiro a que esses animais estão submetidos. Não sei se você já viu, Ricardo, ou então nossa bio-ouvinte, que quando mostram fotos aéreas do Sea World, ou então alguns parques aquáticos, percebemos que há muito mais estacionamento do que tanque. Então eles ficam em um lugar muito pequeno. Eles se preocupam muito mais em guardar os carros dos visitantes do que o animal em si. É um descaso muito grande com eles, então, realmente, será causado muito estresse e o animal acaba descontando em quem está mais próximo. * **Ricardo Gomes:** Eles, na natureza, evoluíram milhões e milhões de anos tendo acesso ao ambiente quase infinito para a nossa percepção, porque são metros e metros de faixa de profundidade de água além da quilometragem... * **Raissa Bella:** De área... * **Ricardo Gomes:** De área que eles podem habitar. Então você restringir isso a um grupinho, a um lugar muito pequeno, causa efeitos psicológicos muito fortes, ainda mais em animais que são realmente muito inteligentes. Esse documentário “Blackfish” se tornou muito famoso por demonstrar esses ataques e como esses animais eram tratados, e, inclusive, as mentiras contadas pelo parque. Havia guias que mostravam aos visitantes do parque, davam informações que muitas vezes eram erradas. Diziam que as orcas e golfinhos tinham determinado tempo de vida na natureza, e que em cativeiro, no Sea World, eles viveriam muito mais. Mas era totalmente o contrário, era mentira. Na vida livre, os bichos podem chegar a trinta, cinquenta anos a depender da espécie, e no Sea World, eles ficavam por dez anos, no máximo. Era uma propaganda muito forte e mentirosa, e até hoje ainda temos lugares assim, por exemplo, onde você vai viajar e beija um golfinho. Há muitas pessoas com fotos na internet beijando golfinhos. Gente, por mais que o animal esteja sendo bem tratado naquele lugar, e muitas vezes não está, não é da natureza dele ficar interagindo com o ser humano de forma tão próxima. Nós não temos de ficar tirando foto com golfinhos e beijando-os.

Raissa Bella

E não só golfinhos, porque há os casos de zoológicos que permitem tirar fotos com leão, tigre, esses animais. Então você os vê meio dopados na hora em que as pessoas vão tirar foto.

Ricardo Gomes

Há umas coisas absurdas mesmo, como na Argentina, do qual... * **Raissa Bella:** É, é. * **Ricardo Gomes:** Eu não lembro o nome, e é melhor não lembrar até mesmo para não dar processinho, que... Você é uma pessoa completamente desconhecida de um tigre específico, chega e tira foto

	<p>com ele? Cara, por mais que esse bicho tenha sido acostumado com gente desde pequeno, isso não é uma coisa factual. O bicho pode se acostumar com pessoas, mas ele não deixará qualquer um se aproximar a qualquer hora. E fica uma outra sugestão de documentário, que é o “Tiger King: a máfia dos tigres”, na Netflix. Este é excelente, cara, para ver esse mundo dos felinos também.</p>
Ricardo Gomes	<p>Na natureza, comportamentos agressivos são retratados entre indivíduos da mesma espécie e entre espécies distintas que compartilham uma mesma área. Em um artigo de 2021, avaliaram plasticidade em comportamento agressivo entre indivíduos da espécie Golfinho-Pintado-do-Atlântico (“<i>Stenella frontalis</i>”) e entre eles e o Nariz-de-Garrafa (“<i>T. truncatus</i>”), mesma espécie do Flipper. Alguns dos comportamentos interespecíficos são causados por competição por alimento, espaço e sobrevivência. Á entre indivíduos da mesma espécie, pode-se destacar a competição por parceiros reprodutivos e para a proteção dos juvenis de infanticídio, que é outra prática muito comum na natureza também. Acho que um caso raro e emblemático de infanticídio documentado na cultura pop é quando o Scar tenta matar o Simba, do “Rei Leão”. E normalmente é isso que acontece quando um outro macho toma conta do bando, de leões, por exemplo. Ele tende a matar os filhotes, que são de outro macho, e as fêmeas também entram mais cedo no ciclo seguinte de cio, já que elas não têm mais aquele filhote para tomar conta. Então infanticídio é muito comum mesmo na natureza, e vemos isso no “Rei Leão”!</p>
Ricardo Gomes	<p>Por falar em infanticídio, há outro artigo que reportou nove mortes de filhotes de golfinhos nariz-de-garrafa na costa da Virgínia, e Chesapeake Bay. “Chesapeake”, que eu falei, não “cheesecake” [risos], no Atlântico Norte. Todas causadas por infanticídio. Algumas das possíveis razões sugerem que a limitação de recursos em áreas de nidificação, que nada mais são áreas de berçário, pode levar adultos a matarem os filhotes de outros casais para melhorar a chance de aptidão de seus próprios descendentes. Outra hipótese seria a seleção sexual, principalmente em espécies que não se reproduzem anualmente. Além dos golfinhos, esse comportamento foi observado em outros carnívoros, como leões e primatas. Como essas espécies apresentam um tempo elevado entre intervalos reprodutivos para cuidar da prole, as fêmeas cujos filhotes foram mortos se tornaram sexualmente reprodutivas em menos tempo, reduzindo, também, o tempo entre os nascimentos.</p>

Ricardo Gomes	Cabe lembrar que, aos olhos humanos, na nossa interpretação, esses comportamentos parecem um tanto absurdos, ainda mais advindo de espécies fofinhas e carismáticas, como golfinhos e baleias, porém na natureza, são muito comuns, e até mesmo fazem parte do repertório natural de comportamento da espécie.
[som sonoro]	
Raissa Bella	Ser esquisitão, feio e desengonçado não são apenas características do personagem principal de um filme ou série que depois vai se tornar o gato da escola. Sabemos bem que a natureza tem seus gatos borracheiros em forma de animais. Baratas, urubus, peixes, como o Blobfish, e até mesmo o rato-toupeira-pelado, que acabam sendo deixados de escanteio na hora de se falar da beleza do mundo animal. Contudo, diferentemente da ficção, esses animais não têm uma fada madrinha nem suas características físicas mudam e, de repente, patinho feio se torna um lindo cisne. Mas de onde vem essa ideia que determina a feiura desses pobres coitados? Você já parou para pensar nisso?! E se eu te disser que tudo depende do olhar das pessoas? É como aquela famosa frase: A beleza está nos olhos de quem vê. * Ricardo Gomes: Quem ama o feio, bonito lhe parece [risos]. * Raissa Bella: [risos] Pois é! Tudo desculpa...
Raissa Bella	É isso mesmo! Esses animais apresentam diversas características que, sob o ponto de vista do olhar humano, não são consideradas visualmente interessantes, acabando por determinar que o diferente seja considerado feio ou, até, nojento. Um dos que mais causam arrepios na maioria das pessoas é a barata “Periplaneta americana”. E sim, eu rio... Eu sei [risos]. * Ricardo Gomes: Ela só é mal compreendida... * Raissa Bella: Ah, com certeza... Para não falar outra coisa aqui [risos]. O fato de ser um inseto de tonalidade marrom, com asas, destrambelhado, que vive em ambientes sujos com matéria orgânica em decomposição, são algumas das causas de ser considerado repugnante se compararmos, por exemplo, a uma borboleta. * Ricardo Gomes: Só isso! * Raissa Bella: Só...
Ricardo Gomes	E você, bio-ouvinte, consegue lembrar de outro animal que também sofre preconceito? Nós aqui estamos pensando no Urubu. Essa ave de porte médio-grande, que vive em várias regiões, nunca recebeu elogios, seja na literatura, no senso comum ou nas mídias. Quanto a isso, eu tenho

	<p>que dizer que há um urubu que já vi que é lindo demais, o urubu-rei! * Raissa Bella: Ele é maravilhoso, lindo. * Ricardo Gomes: Maravilhoso, tem branco, preto, vermelho. Ele é gigante. * Raissa Bella: Tem um azul, também, não tem? * Ricardo Gomes: Tem? Não estou lembrando agora! * Raissa Bella: Mas ele é lindo, lindo! [risos]</p>
Ricardo Gomes	<p>Mas esse preconceito com urubu não vem de hoje, o próprio Darwin descreveu o urubu-de-cabeça-vermelha como “aves repugnantes que se divertem na podridão”. Quem é Darwin para falar isso? Quem é Darwin para falar isso? Não conheço esse cara. * Raissa Bella: Passou meses em um navio sem tomar banho direito e quer falar do urubu [tom de cinismo]... * Ricardo Gomes: O cara era inglês na época vitoriana, você acha que a higiene desse cara é uma coisa a se destacar? [risos] * Raissa Bella: Ele achava que ele era cheiroso?</p>
Ricardo Gomes	<p>Ao contrário da maioria das aves, que são coloridas e com cantos melódicos, os urubus são considerados aves feias, nojentas e pouco higiênicas, assim como Darwin, que remetem à sensação humana de que a morte está presente, fazendo alusão ao fato de os urubus se alimentarem de carne em estado de decomposição. Até na Língua Portuguesa o pobrezinho do urubu não escapa. Uma das definições da palavra o apresenta como “aquele que tem comportamentos reprováveis”, como o de pessoas que enriquecem a partir de práticas ilegais ou oportunistas, que são chamadas de urubu, também! E então torna o bicho mais desprezível ainda, coitado! * Raissa Bella: Um grande injustiçado da natureza. * Ricardo Gomes: Eu nunca vi um urubu batendo uma carteira [risos].</p>
Raissa Bella	<p>Então, bio-ouvintes, perceberam o quanto a cor interfere nos nossos julgamentos? Por exemplo, tons geralmente ligados ao marrom, não agradam visualmente, já que podem remeter à sujeira e gerar sentimentos de desconforto. Em oposição, cores mais claras nos fazem sentir mais alegres, ou mesmo o azul que desperta sensações de delicadeza e sutilidade. Além da cor, outros elementos também entram nessa relação de amor e aversão aos animais. O ambiente é um deles. Avistar um golfinho numa manhã ensolarada é tudo de bom, não é mesmo? Mas o que dizer de uma barata e de um urubu que adoram fiscalizar o lixo para ver se encontram algo que lhes agrade?</p>

Raissa Bella	A careta de nojo é a primeira coisa aparece nessa hora, certo? [risos] Contudo, a maioria de nós se derrete e acha um xodó aqueles “pets” cujas feições conseguimos humanizar, colocando gravatinha, chuquinha, ou uma roupinha estilosa, colocando um par de óculos no seu gato, um sapatinho em seu cachorro. Tudo isso vai ajudar a criar aquele momento Felícia com seu gato, que você quer esmagar ele até o olho dele saltar!
Ricardo Gomes	Pode colocar um lacinho ou a gravata que quiser, mas um bulldog continua sempre com aquela respiração de quem está morrendo. [risos] Mas a essa altura, bio-ouvinte, você deve estar se perguntando: Afinal de contas, e os animais considerados feios, servem para quê? * Raissa Bella: Para nada. * Ricardo Gomes: Que é isso? [risos]
Ricardo Gomes	Primeiro que essa visão utilitarista das coisas já é muito equivocada. A natureza tem o valor próprio da existência dela em si. Além disso, esses animais ainda prestam serviços ecossistêmicos, serviços que só eles podem prover. As baratas, por exemplo, fazem parte do ecossistema assim como nós, e desempenham um papel fundamental ao reciclar nutrientes, já que se alimentam de matéria orgânica e isso faz com que o nitrogênio presente seja ingerido e depois liberado no solo, adubando a vegetação que há ali.
Ricardo Gomes	Os urubus têm a capacidade de ingerir alimentos com alto grau de putrefação, embora claramente prefiram carne com um a dois dias de decomposição. Sabe né, leve, que decompôs um pouquinho, só uns bigatos [ver se é essa palavra correta]. Entre os vertebrados necrófagos, ou seja, animais que se alimentam de carne em decomposição, a família dos urubus, que são os animais da família “Cathartidae”, são os únicos que possuem uma dieta composta quase que exclusivamente de carcaças ou carniça.
Ricardo Gomes	Estudos apontam que muitas das carcaças consumidas pelos urubus contêm toxinas botulínicas, antraz, raiva e cólera. Em áreas onde não há urubus, as carcaças levam até três ou quatro vezes mais tempo para se decompor, e isso faz com que essas doenças e toxinas fiquem presentes por mais tempo, tendo mais chance de contaminar as pessoas e outros animais que vivem ali. Então os urubus removem essas possibilidades com mais eficiência.

Raissa Bella	Continua sendo nojento! [Risos] * Ricardo Gomes: Alguém tem de fazer o trabalho sujo. * Raissa Bella: É, alguém tem que ir lá e fazer o que nós não fazemos direito. Então, o que queremos que vocês percebam é que, na realidade, os animais só são menos bonitos ao nosso olhar porque somos influenciados desde sempre, a partir de crendices culturais e pela forma como as mídias e a literatura retratam esses animais. Por exemplo, no desenho animado do Pica Pau, o Zeca Urubu que é o antagonista principal, seu arqui-inimigo e rival na disputa pelo amor de Paulina, é retratado como um vigarista que sempre se dá mal, apesar de não ser o único malandro e aproveitador da história.
Ricardo Gomes	Aqui eu queria deixar um grande salve e um grande parabéns para nossa equipe de desenvolvimento de pautas, porque eu nunca soube o nome da namorada do Pica-pau, eu nem sabia que ela tinha nome, porque ela é uma personagem tão secundária, pelo menos no Pica-pau antigo que eu assistia. Tem um episódio de uma dessas brigas dele com o Zeca Urubu, para levar ela na discoteca [risos], e eu nunca soube o nome dessa personagem. Parabéns pela pesquisa!
Raissa Bella	Parabéns! Realmente eu também nunca soube o nome. E você já pensou em baratas protagonizando filmes? Tem também, gente. Tem “Joe e as baratas”... * Ricardo Gomes: Maravilhoso o “Joe e as baratas”. * Raissa Bella: É, eu gostava quando era criança, agora não consigo, me dá agonia, não durmo bem se eu assistir ele. * Ricardo Gomes: Assiste de manhã então! * Raissa Bella: Não dá, vou ficar pensando que tem barata em mim o tempo inteiro. Para mim a única baratinha que se salva é aquela baratinha do filme “Wall-e”, que é amiguinha dele. E além desses filmes, também tem o “Invasão” de 2001, que conta a história de uma detetive que, juntamente com um colega, cujo irmão morreu misteriosamente, começa a investigar o que aconteceu. As pistas levam ao líder de um culto que criou um exército de baratas geneticamente alteradas. * Ricardo Gomes: que maravilha!
Raissa Bella	Tinha que ser coisa de cultista mesmo! Outro filme, “Mutações”, de 1997, fala de uma epidemia em Nova York por baratas, que mata cerca de mil crianças, sendo que nada consegue acabar com a doença... Gente, como assim? * Ricardo Gomes: Assim como nada consegue acabar com as baratas! * Raissa Bella: Exato, nem uma bomba atômica! Assim, imbuídos dessas ideias, muitos de nós acabamos por também vilanizar

	e propagar a crença de que esses animais não são bons. O que acabará influenciando a forma como os vemos na natureza.
Ricardo Gomes	Mas, além da aversão, por que ainda temos medo de pequenos animais, como insetos e aranhas? * Raissa Bella: porque eles não têm plano de voo! * Ricardo Gomes: Sim, a barata não tem plano de voo! Vamos lá, ouvir um pouco de história! Senta que lá vem história!
Ricardo Gomes	Com o crescimento das cidades, a maioria da população passou a viver longe da natureza, sem conviver, diariamente, com esses animais. Mas apesar da distância, uma boa parte da sociedade continuou, até hoje, a apresentar medo de aranhas, cobras e vários insetos. Contudo, estudos têm mostrado que esses medos específicos, herdados dos antepassados, têm um caráter benéfico, isto é, constituem um mecanismo de defesa inato e muito eficiente para a nossa sobrevivência.
Ricardo Gomes	Em um experimento, foram mostradas, para crianças, fotos de cobras, aranhas, flores e peixes, todos com o mesmo tamanho e a mesma cor. Ao ver a imagem de cobras e aranhas, a maioria das crianças reagiu com medo, reconhecido por meio da pupila, que aumentava de tamanho. Então era uma reação involuntária da criança que era medida. A cientista Stefanie Hoehl, que comandava esse estudo, e sua equipe, acredita que esse medo demonstrado pelas crianças, que nem conheciam os bichos, pode ser explicado por uma herança evolutiva.
Ricardo Gomes	A origem do nojo, por sua vez, a “nojinho” que nós vemos lá no “Divertidamente”, também pode estar ligada à evolução. Cientistas da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres [risos], * Raissa Bella: encontre o erro! * Ricardo Gomes: só esse conceito de MEDICINA TROPICAL DE LONDRES, já mostra o maldito colonialismo, porque isso aí está bem errado. Mas enfim, cientistas dessa instituição chegaram a essa conclusão, dessa ligação com a evolução, com um experimento realizado em 2014. Nele, 40 mil pessoas responderam um questionário na internet que pedia para avaliarem uma série de imagens e classificarem, em uma escala de 1 a 5, se eram nojentas, ou não. Também tinham fotos que mostravam fluidos corporais, ferimentos infeccionados e insetos que eram consideradas mais asquerosas que imagens de fluidos da natureza ou machucados cicatrizados. Outro

	<p>trabalho que tem, e ai vou puxar sardinha para meu lado, é um trabalho que eu desenvolvi quando ainda estava na faculdade junto é caro, com um grupo todo de pesquisa, que era sobre a impressão da população de Niterói, uma cidade aqui do Rio de Janeiro, sobre vertebrados sinantrópicos, que são animais vertebrados que vivem nas cidades também ou em lugares onde tem pessoas, então é cobra, gambá, sapo, rato, cachorro, gato e morcego também. Esse trabalho ainda vai ser publicado, ainda não foi publicado, mas se vocês quiserem saber um pouco mais sobre ele vocês podem falar comigo, podem também mandar email para nós no cartinhas@biologiainsitu.com.br ou procurar também o professor Flavio Montinho, lá da UFF (Universidade Federal Fluminense), de Niterói, que era quem comandava esse grupo, comanda ainda esse grupo de pesquisa que fez esse trabalho.</p>
Ricardo Gomes	<p>Bom, e os resultados do grupo lá de Londres reforçaram a suspeita dos pesquisadores que que o nojo protege as pessoas de certas ameaças, como doenças infecciosas, já que foi observado um padrão de resposta universal: as pessoas sentem nojo para se proteger de objetos e seres vivos que representem risco à saúde e, portanto, à própria vida.</p>
[som de fundo]	
Raissa Bella	<p>E aí, bio-ouvinte, que tal caminharmos um pouco mais e tratarmos do sentimento de amor e aversão que o homem desenvolveu em relação aos animais? Em humanos, os sentimentos de amor, empatia, aversão e nojo, por exemplo, possuem componentes emocionais e cognitivos.</p>
Raissa Bella	<p>O comportamento emocional, como o próprio nome diz, está associado à capacidade de expressar algum sentimento devido à percepção daquilo que o outro está sentindo. Por exemplo: quando nos sentimos tristes pela perda que um amigo sofreu, essa tristeza, na realidade, não diz respeito a uma situação nossa, mas à capacidade que temos de, ao reconhecer a dor que o outro sente, conseguir trazê-la até nós, a ponto de também senti-la. Ou seja, compreendemos o que ele sente e compartilhamos dessa emoção.</p>

Raissa Bella	Por sua vez, o componente cognitivo, diz respeito ao reconhecimento do sentimento do outro, identificando, por meio da percepção, da atenção, da memória, do pensamento e também da linguagem, as emoções que ele possa estar sentindo. * Ricardo Gomes: Está descrevendo bem aí a empatia. Nós estamos vendo que até no mundo animal ela existe só que às vezes entre grupos humanos nós vemos que faltou.
Raissa Bella	Sim, ela é seletiva. No reino animal, o sentimento de resposta à fofura se aproxima muito desse sentimento de empatia, principalmente a comportamentos de carinho e cuidado e apresenta um importante significado biológico, pois se trata de uma resposta a características de “animais filhotes”, também conhecidas como “neotênicas”. Termo utilizado para se referir a traços juvenis, como olhos grandes, tamanho pequeno e suavidade, que permanecem em indivíduos que já atingiram a maturidade sexual. Por não ter uma palavra própria, é comum que estudos tratem essa emoção que vem em “resposta à fofura”, de maneira distinta, ora podendo se referir a ela por meio de uma expressão nova, ora se utilizando de emoções já existentes, como a empatia.
Ricardo Gomes	Então da próxima vez que você vir um animal bem fofinho, bem bonitinho, que você queira pegar, aí você não fala: “Ah, que fofo”, você fala: “Ah, que neotênico”! [risos] e refletindo um pouco mais sobre a relação humana-animal de estimação, é lógico que o homem tem plena consciência de que os animais cuidados por ele, não são sua prole. Mas na maioria das vezes, cuida melhor do pet do que dos próprios filhos. E por que será que isso acontece?
Ricardo Gomes	Em primeiro lugar, é preciso entender que essa relação, benéfica para ambas as espécies, está associada ao aumento da sensação de bem estar. Numa época em que as pessoas estão cada vez mais egocêntricas e isoladas, ter uma companhia animal é tudo de bom, afinal eles não enfrentam, não pressionam com exigências, não questionam atitudes, só brincam e alegram os momentos. Raissa Bella: Não te responde, não é mal educado! * Ricardo Gomes: é só uma arranhadinha de vez em quando. Raissa Bella: aí tá tudo bem!
Ricardo Gomes	É o relacionamento tóxico que as pessoas gostam. Há indícios de que a resposta à fofura para com animais, por parte das mulheres, está mais relacionada ao fator biológico. Se ela não estiver grávida ou não tiver

	filhos dependentes, a atenção e o carinho são maiores e mais intensos. Caso ocorra o contrário, essa intensidade fica mais reduzida, já que o cuidado é redirecionado à própria prole. São indícios, não estamos batendo o martelo que é assim ou não. Portanto, o que podemos perceber é que essas características neotênicas são os principais fatores que provocam respostas à fofura e consequentemente atitudes mais afetivas por parte de adultos humanos em relação a outras espécies.
Raissa Bella	Aliás, é bom frisar que esse momento costuma ser muito bem explorado pelo setor de entretenimento e marketing, que procura constantemente formas apelativas para gerar engajamento e reação do público. Ricardo Gomes: Ah, os bebês da Parmalat! * Raissa Bella: Ah, são fofinhos!! * Ricardo Gomes: Olha aí! * Raissa Bella: Ah, tão neotênico! * Ricardo Gomes: tão neotênico!
Raissa Bella	Tem o gato de botas também, do Shrek. No Madagascar tem aquele amiguinho, acho que o Maurice, que é o amigo do Rei Julien, que é a coisinha mais fofinha que tem nesse filme, que é aquele com o olho. * Ricardo Gomes: é porque o rei Julien é um babaca né! * Raissa Bella: Ah ele é um babaquinha, mas é o amiguinho..ah, muito neotênico. [risos]
Raissa Bella	A Disney, por exemplo, foi uma das maiores disseminadoras dessa estratégia, quando trabalhou a evolução estética de Mickey Mouse, sua personagem símbolo. O aumento progressivo do tamanho dos olhos e da cabeça é uma das características mais marcantes da infantilização da personagem. E a interjeição, que é o “awn” que a maioria das pessoas solta, assim que se depara com ele, é mais do que suficiente para saber que estratégias dessa espécie são efetivas!
Ricardo Gomes	E aí, bio-ouvinte eu faço a seguinte sugestão para você: abra duas guias na página do Google, em uma você vai pesquisar linguado-Disney (linguado pequena sereia) e na outra você vai pesquisar linguado-peixe. [risos] O linguado, o peixe de verdade não tem muito a ver, não é muito fofo não, ele é até bem estranho, mas fica aí a sugestão. Deixar você ser juiz disso.
Raissa Bella	Pegaram pelo nome, não é... Outro exemplo de como estamos acostumados a consumir esse tipo de conteúdo apelativo é a expressão

	artística-cultural japonesa chamada “kawaii”. Esse adjetivo que significa “bonito, fofo, meigo”, é totalmente baseado na infantilização e está presente em quase todos os aspectos da vida dos japoneses, principalmente no que diz respeito à moda, entretenimento e arte. Atualmente já se encontra disseminado no mundo inteiro. * Ricardo Gomes: presente inclusive em outras áreas que perturbadoramente não deveriam estar.
Raissa Bella	De maneira similar à empatia como resposta à fofura, os sentimentos de aversão, ou medo a certos animais, principalmente os peçonhentos, também possuem base biológica, de origem evolutiva e influências culturais e sociais.
Ricardo Gomes	A interação entre o humano e meio ambiente tem se baseado nos usos, valores e significados que os demais componentes da biodiversidade representam para as pessoas através do tempo e espaço, em diferentes culturas, desde as nossas origens. Essas interações podem ser vistas de 3 grandes perspectivas.
Ricardo Gomes	1. A perspectiva utilitária, como eu mencionei lá atrás: nessa perspectiva as demais espécies da biodiversidade fornecem bens de valor para o bem-estar humano, como fonte de alimento, recursos naturais, matérias-primas, vestuário, transporte, ferramentas, e até mesmo para fins de companheirismo e entretenimento, como no caso dos pets, animais domésticos.
Ricardo Gomes	2. Outra grande perspectiva é a afetiva: nessa perspectiva, os seres humanos sentem simpatia, admiração, respeito e contemplação. Esses sentimentos em relação à biodiversidade podem ter origem religiosa, mística ou filosófica.
Ricardo Gomes	3. A terceira grande perspectiva é a conflituosa: nela as espécies selvagens são vistas como uma ameaça ao progresso e ao desenvolvimento econômico, devido aos danos reais ou potenciais que as espécies podem infligir às pessoas e aos seus interesses, por exemplo, ataques a seres humanos, predação de gado, danos para a agricultura e infraestruturas, ou só estar lá. Às vezes estar lá, a natureza existir naquele lugar, é um motivo de conflito na mente de muita gente, e

	aí não dá para deixar de destacar o comportamento militar, durante a época da ditadura aqui no nosso país, que via a Amazônia como um grande terreno selvagem a ser conquistado e a ser dominado e é uma visão que infelizmente nós continuamos vendo até hoje, com o governo atual, com os militares no governo atualmente e que tem essa visão desde aquela época.
Raissa Bella	Não só a Amazônia, tem o cerrado também. É que o cerrado, a maior parte já foi a embora, para virar pasto. Mas ainda assim eles ainda têm essa perspectiva. * Ricardo Gomes : Expandido para qualquer mato, deve ser um mato útil. Eles consideram útil.
Raissa Bella	Eles fazem aquela corrida para o Oeste, que fizeram nos Estados Unidos. * Ricardo Gomes : Sim o que tem de ruim nos Estados Unidos que nós não copiamos no Brasil, não é? * Raissa Bella : Mas o que tem de bom lá também? * Ricardo Gomes : O sistema de saúde que não é. Viva o SUS! [risos]
Raissa Bella	As sociedades, por sua vez, desenvolveram uma predisposição cultural para apresentarem diferentes reações emocionais em relação à biodiversidade, causando efeitos positivos ou negativos dependendo da espécie em questão. Sentimentos como medo, raiva e repugnância geram atitudes e comportamentos contra a presença de algumas espécies. Em oposição, sentimentos como felicidade e prazer, ou ainda tristeza perante a vulnerabilidade de algumas espécies, são emoções que podem gerar atitudes positivas, e consequentemente, maior empenho para a sua conservação. Esta relação entre as emoções e atitudes humanas tem efeito na elaboração de estratégias de conservação, influenciando a presença, ausência e recuperação das populações de determinadas espécies. Um exemplo disso é, que além de adotar alguns animais, que você tem através das Ongs, também temos uma espécie de lojinha, que é como se fosse uma joia que você compra e nessa joia vem um código de rastreio e você acaba adotando uma tartaruga. É muito bonitinho, inclusive, isso também ajuda na parte de conservação da espécie e também fica aí como um adereço legal.
Ricardo Gomes	Sim, sim, e existem duas principais abordagens para explicar as origens desses sentimentos, a evolutiva e a cultural. A abordagem evolutiva sugere que nossas emoções evoluíram conforme foram surgindo problemas adaptativos em diferentes ambientes. A presença de

	<p>predadores pode ter sido um desses eventos, contribuindo para o desenvolvimento de respostas fisiológicas, psicológicas e morfológicas (da nossa forma) para a sobrevivência. Por exemplo, medo e aversão, são emoções que ajudam na reação a algo que representa um risco para a vida humana, como um possível mecanismo de defesa. E aí dá para pensar naquela velha história de qual humano teve mais chance de sobreviver há 10 mil anos atrás (100 mil anos atrás), o que viu a moita mexer a noite e correu ou o que viu a moita mexer a noite e ficou porque não achou que poderia ser um predador?</p>
Ricardo Gomes	<p>Desta forma, os seres humanos desenvolveram uma maior consciência em relação a animais potencialmente perigosos, como cobras e aranhas. Esta adaptação mediada pelo medo foi provavelmente fixada geneticamente ao longo de gerações, provocando as respostas fisiológicas inatas, como aumento da frequência cardíaca, sudorese, que é começar a suar, dilatação das pupilas, como o estudo que nós mencionamos com as crianças, tudo isso quando espécies perigosas estão ou poderiam estar presentes, permitindo a geração de respostas de alerta. * Raissa Bella: uma mini crise de ansiedade, praticamente.</p>
Ricardo Gomes	<p>Já para a abordagem cultural, as origens das emoções básicas residem nas experiências individuais e coletivas, tradições e percepções relacionadas com os animais, ou seja, as emoções humanas em relação à vida selvagem foram e continuam sendo gradualmente construídas ao longo do tempo e são particulares de cada sociedade do mundo. As emoções são determinadas por fatores coletivos, como experiências, significados, crenças e mitos típicos de uma determinada região ou cultura, sendo transmitidos a nível individual ao longo de cada geração. Eu queria deixar de sugestão mais dois episódios do Podcast Morcegando, de novo, beijo para Erika Munhoz, essa querida que já esteve aqui no Biologia In Situ uma vez: dois episódios em que ela fala sobre morcegos em outras culturas, falando especificamente da Espanha e outro da China e região de Tonga se não me engano. Essas regiões da China e da Espanha tem relação com morcegos, não são negativas, são positivas. Na Espanha tem inclusive brasões de time de futebol que tem figura do morcego, então não são todas, aí está demonstrando que esse nível cultural também é um fator importante nesse seguimento em relação aos animais. Mas assim, tanto a abordagem evolutiva quanto a abordagem cultural tem suas bases, tem seus exemplos, e são válidos.</p>

	Não quer dizer que nós falando dessas abordagens, quer dizer que é uma contra a outra, muito pelo contrário, elas se complementam.
Raissa Bella	Estudos demonstram também que os juízos estéticos atribuídos a animais selvagens, influenciam as atitudes das pessoas em geral, em relação à sua conservação. Características físicas das espécies, como a forma do corpo do animal, sua coloração, hábitos alimentares e comportamento diurno*noturno geralmente influenciam as respostas emocionais das pessoas frente a elas. Grandes carnívoros como ursos, lobos e grandes felinos podem induzir respostas de medo e raiva.
Ricardo Gomes	Animais pouco atrativos, como morcegos e répteis são vistos como prejudiciais e evocam essas mesmas emoções. Animais coloridos, ou pequenos mamíferos herbívoros podem causar felicidade. Esse exemplo não se aplica em grupos culturais em que roedores representam uma ameaça que pode infligir danos à agricultura e à pecuária.
Ricardo Gomes	Animais sem pernas, como cobras e vermes, devido ao seu corpo fino e longo, provocam medo e/ou desgosto. A maioria das espécies de cobras produz sentimentos de medo, embora determinadas espécies sejam de fato vistas, principalmente por agricultores, como benéficas devido ao seu papel de controladores de pragas agrícolas. Eu acho que esse negócio de cobra também, aqui principalmente no Brasil, pode ser em outros cantos do mundo, pode estar relacionado ao Cristianismo, por causa da serpente que fala com Eva e os faz serem expulsos do Paraíso, essas coisas aí!
Ricardo Gomes	Com certeza, esse lado, nós falamos do lado místico do lado religioso também, que tem relação com esses sentimentos. Com certeza esse lado cristão, que tem a cobra como inimiga da humanidade. A cobra que estava ali no Éden, era o próprio, apesar de não ter essa nomenclatura na Bíblia, esse ponto da Bíblia, era o próprio demônio tentando Adão e Eva, então... * Raissa Bella : eu já ouvi também falando que era Lilith, a cobra que fala com Eva. Sabe quem é Lilith, não é? * Ricardo Gomes : Sim... * Raissa Bella : que foi a primeira esposa de Adão, antes da Eva, porque ele pediu Eva porque ela não se desdobrava aos pedidos que Adão tinha, eles nasceram como iguais, a primeira feminista da história praticamente. [risos]

Ricardo Gomes	Essas categorias que a Raissa que falou, que provocam medo e várias emoções, surgem após a antropomorfização dos animais [risos], um processo em que grupos culturais atribuem características e "personalidades" humanas às espécies da vida selvagem. Por exemplo, o urso panda que pode inspirar ternura e felicidade quando é observado, mas também tristeza quando você vê, por exemplo, a vulnerabilidade que ele tem à extinção. Espécies vulneráveis que exibem abertamente características que os seres humanos respeitam ou consideram desejáveis, tais como beleza, força, poder ou carinho, são mais susceptíveis de ser o foco de programas de conservação do que os animais ou plantas que são menos atraentes aos olhos.
Ricardo Gomes	Neste sentido, os atributos positivos facilitam que determinadas espécies se tornem bandeiras para a conservação da vida selvagem. As organizações ambientais exploram o poder visual e simbólico dos animais carismáticos, "bonitinhos" e visualmente atraentes em campanhas que angariam apoio público para causas de conservação. Assim você pega uma espécie que chama mais atenção e ajuda a salvar todo o ecossistema em que ela vive, abarcando várias outras espécies.
Ricardo Gomes	Portanto, compreender melhor como as pessoas valorizam esteticamente as espécies pode ajudar na formulação de estratégias de conservação de espécies menos carismáticas também, tornando-as mais amplamente conhecidas, e possibilitando contrariar preconceitos esteticamente motivados na seleção de determinadas espécies para a conservação.
Raissa Bella	Assim, de espécie bandeira tem a baleia Jubarte. Geralmente as espécies bandeiras são também as espécies guarda-chuva, que são as que tem grande influência no ambiente que elas se encontram. E aí já criam muitos projetos voltados para ela, que no caso seria a baleia Jubarte, tem a baleia Franca, e aí tem os outros que entram mais nas aves, como o projeto Albatroz também.
Ricardo Gomes	Isso! Se mistura um pouco o conceito de espécie bandeira com espécie guarda-chuva, as vezes é difícil de separar o que é um, o que é outro,

	<p>mas a questão é que... * Raissa Bella: eles estão muito atrelados * Ricardo Gomes: são ligados, a espécie bandeira como nós dissemos é a que vai chamar atenção, ela vai ser usada para o marketing da conservação. * Raissa Bella: é a que vai carregar a bandeira do me proteja! * Ricardo Gomes: e ela acaba sendo um guarda-chuva quando ela, ao chamar atenção para a proteção dela, acaba, como consequência, dando proteção a várias outras.</p>
Raissa Bella	<p>Uma análise do Instituto Smithsonian comparando dois programas que angariam fundos para a conservação da biodiversidade, como o World Wide Fund for Nature (WWF-EUA), que arrecada dinheiro através de "adoções", e o programa EDGE of Existence, da Sociedade de Zoologia de Londres, que foca em 100 espécies ameaçadas de mamíferos. A ideia desse projeto era analisar se a estratégia de marketing utilizada poderia fazer diferença no direcionamento de recursos para espécies menos famosas e atraentes.</p>
Raissa Bella	<p>O estudo mostrou que os principais fatores que influenciaram as maiores doações para a WWF foram o apelo visual e o nível de ameaça de extinção da espécie, independente da estratégia de marketing utilizada. Por sua vez, o programa EDGE, que angaria recursos, tanto para animais conhecidos quanto para muitas espécies com menos apelo, como ratos e morcegos, também apresentou grande interesse do público em doar para espécies mais conhecidas, só que nesse caso, a intensidade do marketing realizado fez diferença, sendo que as espécies apresentadas no topo e em destaque na página da internet do programa apresentaram aumento no número de doadores.</p>
Ricardo Gomes	<p>Esses resultados sugerem que apesar de espécies carismáticas obterem consideravelmente mais recursos, uma estratégia de marketing e divulgação de espécies menos apelativas pode auxiliar no angariamento de recursos. Pensando ainda na questão da conservação da biodiversidade, as mídias sociais também apresentam potencial para mobilizar as pessoas e promover atitudes positivas em relação à conservação de determinadas espécies ou habitats, considerando o grande número de usuários e seu poder de alcance.</p>

Ricardo Gomes	Contudo, elas também podem promover conteúdos e comportamentos desfavoráveis para a conservação. Como exemplo, a exploração de espécies e tráfico ilegal da vida selvagem, além de aumento do turismo em áreas protegidas e a propagação de desinformação.
Ricardo Gomes	E aqui entra uma coisa muito perigosa, mas que liga lá no início quando nós falamos sobre a época do Flipper, porque as pessoas que tinham piscina no quintal queriam ter um golfinho. Da mesma forma que antigamente nós tínhamos a disseminação de informações por meio de rádio, televisão e jornal, hoje nós temos um veículo muito eficiente que é a internet. Então às vezes você vê uma coisa que tem acontecido muito, uma coisa não, um bicho que tem sido muito divulgado, eu tenho percebido, são os Loris. Lori é um primata bem basal, ele é pequenininho, é um bicho noturno que tem olhos bem grandes, e eles saltam bastante porque eles vivem nos altos das árvores e é um bichinho que tem cada vez mais vídeo na internet e tem mais gente querendo ter em casa esses bichos, talvez por sentirem que é fofo e se tem gente fazendo vídeo é porque pode ter em casa e ele é um bicho selvagem também, não é para ter em casa. São pouquíssimos os animais que podem ser pets. Tem muito animal que é pet e eu não concordo que deveria ser pet. Para mim o bicho ainda não está tão acostumado com a vida humana quanto um cachorro que tem aí seus 10 mil anos de convivência com o ser humano.
Ricardo Gomes	Eu acho que o furão é um deles. * Ricardo Gomes: furão também ele é um mustelídeo, um carnivorozinho que não tinha que estar na casa de ninguém.
Ricardo Gomes	Muito bem, chegamos ao final de mais um Biologia In Situ Podcast. Gostou, Raissa? Achou legal?
Raissa Bella	Ah, eu me diverti bastante, achei legal!
Ricardo Gomes	Eu também, eu fiquei sabendo de coisas que até, coisas que eu não tinha falado antes, coisas que nós já tínhamos falado, mas eu me esqueci de falar no programa, Rim Tim Tim e Lessi [risos]. Foram grandes exemplos de animais, de pets da televisão. * Raissa Bela: da dramaturgia! *

	<p>Ricardo Gomes: Isso, da dramaturgia. Lessie resgatando Tim do poço toda vez que ele caia, o bendito garoto que deixavam andar solto por aí, sendo tomado conta por um cachorro. * Raissa Bella: e você se questionando porque tinha 88 episódios. [risos] * Ricardo Gomes: Lessi era uma série, todo episódio ela tinha que salvar a criança de alguma coisa diferente. Dá pra gastar, quando o assunto é bicho, o que não falta é roteiro.</p>
Ricardo Gomes	<p>Bom, e nós fechamos por aqui esse episódio, e se você quiser falar com a gente, poxa! Nós estamos aqui falando com vocês e nós queremos te ouvir também. Mande um e-mail, uma cartinha para nós, no e-mail cartinhas@biologiainsitu.com.br. Nós vamos começar a ler as cartinhas no quadro Bio Cartinhas, junto com o Bio News. Eu sei que é muito nome, muito “bio” que estou falando aqui, mas aguarda aí que no seu feed vai aparecer esses quadros novos e Raissa, por favor, fale as nossas redes sociais.</p>
Raissa Bella	<p>Bom, nossas redes sociais. O Twitter e o Tik Tok são @bioinsitu, e Instagram, Facebook e LinkedIn, é só procurar pelo nosso nome completo: Biologia in Situ. Isso que você falou sobre muito “bio” é coisa de biólogo mesmo, de tacar o “bio” na frente de um monte de coisa: é bioestatística, biofísica, bioquímica, biomedicina, tudo tem um “bio” na frente. * Ricardo Gomes: biomedicina, o pessoal se animou tanto que se separou. * Raissa Bella: Pois é, mas sempre vai ter um “bio” na frente.</p>
Ricardo Gomes	<p>Essa é nossa marca também, e lá no nosso site: biologiainsitu.com.br. Pode entrar lá e conferir os episódios por lá também, e no nosso site vocês encontram a transcrição destes episódios, para quem tem impedimentos auditivos, ou se conhecem alguém que os tenha, nós temos a acessibilidade deste áudio, em forma de transcrição pelo próprio site, ou se você quiser usar nosso trabalho, este roteiro pelo qual falamos, como fonte de pesquisa, nós também temos um material transcrito que serve para isso. Então muito obrigado, Raissa. Muito obrigado, bioouvinte, e tchau, tchau!</p>
Raissa Bella	<p>Muito obrigada. Tchau, gente! Até a próxima!</p>